

Lustosa da Costa

14 FEV 1987

Os problemas que incomodam Sarney

O problema político do governo José Sarney, do momento, equivale a uma dor de dente crônica contra qual não valem analgésicos, meizinhas nem benzeduras. Não constitui uma tragédia é certo mas incomoda a ponto de não deixar dormir. E pode, muito bem, agravar-se, converter-se em grave infecção, exigindo a amputação de seu mandato, como se ouve falar até em áreas do PMDB.

É que todo o mundo quer ser bom moço, extrair do governo somente os bônus, sem arcar com os ônus. Dar o golpe do baú e continuar levando a vidinha de solteiro. Uma tal maneira de encarar a atividade política está corroendo a base de sustentação da Nova República.

O PMDB é campeão dessa dubiedade. Quer continuar chupando cana e assobiando ao mesmo tempo. Mantém-se no palanque de oposição, em público e debaixo do pano, se mantém grudado as tetas dos ministérios, dos bancos oficiais, das grandes empresas públicas. Apoiava o governo em tempo bom. Mas colheitas fartas, como a do Plano Cruzado. Ao primeiro veranico, ante a ameaça de seca, faz corpo mole e começa a dirigir ao eleitor recados e insinuações que não é bem assim, não está tão integrado com o governo, Sarney não o consultou etc. e tal.

Exemplo palmar e escandaloso de tão astuta postura tivemos ante o Plano Cruzado. No seu momento solar, ele levou o PMDB a desalojar Teotônio Vilela de sua presidência da honra para colocar, em seu lugar, Sarney. Os peemedebistas foram eleitos à custa do referido Plano, até Orestes Quêrcia, que ora o apedreja e que fingiu comovida empolgação com o confisco de alguns bois no interior de São Paulo. Botaram, porém, a boca no mundo quando Cruzado começou a fazer água e exigiu trabalho da tripulação e dos passageiros.

O triunfo tem muitos pais, quem é órfão é o insucesso. Os peemedebistas tratam logo de ir saindo de fininho. Houve até quem, descaradamente, o diploma no bolso, dissesse que o governo federal, devia ter anunciado as correções e os sacrifícios antes de 15 de novembro. É muita cara de pau. Se Sarney tivesse feito isso, teria levado água ao moinho de Paulo Maluf-Delfim Netto, em São Paulo, de Leonel Brizola e Darci Ribeiro, no Rio. O PMDB não estaria cantando vitórias tão aplaustantes.

Pois bem, o PFL cansou de observar tão bem-sucedido oportunismo. Irritou-se ao ver que ele deu certo com seu parceiro que tem, porém — diga-se de passagem — a seu crédito um passado de vinte anos de sofrida luta contra a ditadura militar. E pretende exercitar a mesma manobra. Ser Roberta Close da política. De manhã, Maria, de noite, João. Só responde pelo que o governo faz de bom, dá certo, rende popularidade. O que é mau, dá errado, exige sacrifícios, não é com ele. Não é de sua responsabilidade, e sim do PMDB, do presidente José Sarney.

Este é o drama do presidente da República. Tem a casa cheia quando consegue multiplicar pão e vinho. Até Pedro o nega três vezes, o abandona na solidão do Horto das Oliveiras. Somente encontra parceiros para a ceia de Natal e os festejos carnavalescos. Na Quaresma, não lhe aparece ninguém para o jejum e a penitência nos ermos de São José do Pericumã.